

## ➤ mesa redonda de *Olisipo a Ierabriga*

### Debate final

**Luís Raposo:** Agradeço a simpatia do convite que me foi feito, mas eu, como todos sabem, não sou especialista nestas áreas. Mas do que assisti, vi que havia de facto, uma mudança que se repete em todos os colóquios em que tenho participado, de paradigma global em termos do que se faz em arqueologia em Portugal hoje em dia, e isso é altamente estimulante.

Posto isto, quem gostaria de intervir relativamente a algumas das comunicações apresentadas, algumas de natureza territorial ou de locais que se podem diretamente relacionar com a rede viária?

**João Pimenta:** Eu não podia deixar de falar, da interessante comunicação e novidades, que o nosso colega Miguel Costa, aqui apresentou para a zona de Paredes.

Não sei se repararam bem no monumento que foi apresentado? Eu tive a oportunidade de visitar o local com o Miguel, e é um sítio assaz surpreendente. Trata-se de um edifício extremamente bem preservado, uma grande descoberta até do ponto de vista da arqueologia nacional, pois trata-se de uma estrutura de grande dimensão com pelo menos três grandes contrafortes, embora sem se saber ao certo a sua funcionalidade. Trata-se de mais um elemento a aduzir à interpretação de Paredes como um grande sítio, seja ele ou não *Ierabriga*. Só um arqueossítio com grande dimensão tinha uma estrutura, de cariz hidráulica, daquele género.

A minha pergunta vai então para o Professor Vasco Mantas, se este monumento corresponder, como me parece bastante provável, a um ponto de captação de água para um aqueduto, e tendo esta estrutura de retenção uma parede com almofadados de grande dimensão, o que nos diz desta novidade? Qual o seu significado?

**Vasco Mantas:** Realmente uma estrutura hidráulica com aquela fortaleza e com aquelas características construtivas, denotando até um certo cuidado arquitetónico, implica realmente a existência naquele local, de um povoado importante.

Podíamos admitir que em determinadas circunstâncias, como grandes *Villae*, poderiam ser construídas estruturas de grande dimensão, mas a verdade é que ali não há só aquele elemento, mas muitos mais, que apontam para a existência naquela localidade, de um grande povoado. Se é ou não ali *Ierabriga*, o facto é que existe ali algo de grande dimensão, que esta descoberta vem reforçar. Podemos ter assim, um grande centro do tipo urbano, pois não é vulgar aparecer este tipo de estruturas no território português, pelo menos com aquela dimensão e características.

Acho que é mais um elemento a favor da tese tradicional, não querendo dizer naturalmente, que as outras também não sejam válidas.

Este debate parece-me que neste momento tem de ser relançado, partindo do princípio, que talvez *Ierabriga* não seja ali, ou que houve aqui um problema de transferência de um local da Idade de Ferro para um local de época Romana, que é uma coisa relativamente

vulgar, mas acho que aquela estrutura hidráulica, conforta um bocado os defensores da tese de que *Ierabriga* é em Paredes ou Sete Pedras!

**Henrique Mendes:** Queria só chamar a atenção, para dizer que estas duas últimas apresentações dos nossos colegas Emanuel e Adelaide Pinto são extremamente importantes. E são importantes porquê? Porque muitas vezes não se faz a apresentação deste tipo de trabalhos resultantes de uma arqueologia contratual, sendo uma oportunidade que se perde. A sua apresentação vem dar a conhecer publicamente estes resultados, dão-nos também uma ideia de que o concelho não é só ele fértil em termos de vilas romanas, de vias, mas também de outros elementos que compõem de facto, esta mesma ocupação.

Sem estas apresentações, sem estas vindas dos nossos colegas a este tipo de eventos, nada destes elementos muitas vezes são conhecidos, ficam na “gaveta”, perde-se a oportunidade e depois dá-se o caso de muitas vezes quando se fala “eu também sei de um sítio assim...ou também tenho peças dessas...ou já vi algures peças semelhantes do sítio tal...”, a verdade, é que sem estarem publicadas, de pouco ou nada valem.

Penso que às vezes, este é um pouco o problema que se passa na realidade, com a arqueologia nacional.

**Luís Raposo:** Também acho muito oportuna essa observação! Quando eu falava há pouco da mudança de paradigma, tem a haver muito com isso, é que de facto neste momento, começamos a poder falar verdadeiramente, de uma arqueologia do território. Não só de território urbano, mas também, da paisagem rural de cada uma das épocas. E não houve só uma revolução de paradigma a nível universitário no sentido das metodologias, das teorias e dos modelos aplicáveis, como o Guilherme Cardoso mostrou com a questão da conjugação entre uma metodologia já da geografia da primeira metade do século XX, que são os Polígonos de Tissen, com as vias antigas. Há uma nova maneira, mais ao nível universitário, que se conjuga com uma arqueologia profissional, em que o acumular de novos dados, são tantos que e o problema é que talvez não haja maneira de facilmente, mesmo que preliminarmente, dar conhecimento das coisas que estão a acontecer.

Esse é um problema grave, aliás, é um problema que preocupa não só o IGESPAR como o IMC, ao nível das coleções, pela quantidade muito grande de informação que se está a reunir e que não é publicada.

**Graça Nunes:** Pegando nas palavras do Dr. Luís Raposo, acho que é também importante continuar com esta partilha de conhecimento ao nível das autarquias, das universidades, das empresas de arqueologia, Museu Nacional de Arqueologia, IGESPAR ou IMC, isto é, partilhar estes conhecimentos, evoluir na investigação e tentar dar continuidade a toda a investigação que tem vindo a ser realizada, muito bem traduzida em publicações ou edições.

Onde fica então *Ierabriga*? Esta é apenas uma deixa, para que esta investigação seja depois também partilhada, utilizada e depois divulgada ao público, ou seja, que a mesma não se fique apenas pelo universo científico e académico, mas que seja dada a conhecer ao cidadão comum os vestígios da história local.